

# Samba e Natureza:

## as polissêmicas noções de Natureza nos sambas de enredo das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (1972 a 2025)

Samba and Nature: The Polysemic Notions of Nature in the Sambas de Enredo of Rio de Janeiro's Samba Schools (1972–2025).

**Marcelo Augusto Gurgel de Lima**

Turismólogo e sociólogo. Dr. em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa EICOS/IP/UFRJ). Pós-doutorando pelo Programa EICOS.

[marceloaglima@ufrj.br](mailto:marceloaglima@ufrj.br)

**Elizabeth Oliveira**

Dr.a pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento (IE/UFRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Gapis/UFRJ/CNPq.

[elizabetholiverbr@gmail.com](mailto:elizabetholiverbr@gmail.com)

**Claudia Fragelli**

Dr.<sup>a</sup> em Psicossociologia e Ecologia Social (Programa EICOS/IP/UFRJ). Pós-doutorado em Políticas Culturais (FCRB).

[claudia.fragelli@cefet-rj.br](mailto:claudia.fragelli@cefet-rj.br)

**Graciella Faico**

Dr.<sup>a</sup> em Psicossociologia e Ecologia Social (Programa EICOS/IP/UFRJ). Pós-doutoranda pelo Programa EICOS. Chefe da Seção de Sustentabilidade da UFF.

[graciella@ufrj.br](mailto:graciella@ufrj.br)

**Nadson Nei da Silva de Souza**

Historiador e Turismólogo. Dr. em Psicossociologia e Ecologia Social (Programa EICOS/IP/UFRJ). Docente do CEFET-RJ.

[nadson.souza@cefet-rj.br](mailto:nadson.souza@cefet-rj.br)

---

**RESUMO:** A chamada polícrise contemporânea, que tem na emergência climática seu corolário, ecoa múltiplas articulações que envolvem dimensões econômicas, sociais, políticas, ambientais, éticas e simbólicas afetando diretamente, mas em níveis e de modos distintos, a todos os habitantes da "nave comum", na metáfora de Edgar Morin. É considerado incontornável seu enfrentamento, dado que é cada vez mais imperioso e igualmente irrevogável para a humanidade a busca pelo porvir. A partir dessas premissas, o presente artigo objetiva identificar as múltiplas noções de Natureza presentes nos sambas de enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial, no Rio de Janeiro, entre 1972 e 2025, buscando interpretar as polissemias envolvidas nesse contexto. Para tal, o percurso metodológico partiu de pesquisas bibliográfica e documental, resultando em seis temas que orientaram essa análise. Tendo em vista que arte e cultura simbolizam processos de produção de subjetividades fundamentais, os sambas de enredo do Carnaval do Rio de Janeiro, como manifestação ancestral afrodiaspórica, emergem como possibilidades para apontar caminhos de reconexão na relação sociedade-natureza-cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Natureza; Sambas de enredo; Carnaval.

**ABSTRACT:** The so-called contemporary polycrisis, whose corollary is the climate emergency, resonates with multiple interwoven dimensions—economic, social, political, environmental, ethical, and symbolic—that affect all inhabitants of the “common ship,” in Edgar Morin’s metaphor, albeit in different ways and degrees. Addressing this crisis is unavoidable, as the search for a livable future has become both urgent and irreversible for humanity. Based on this premise, this article aims to identify the multiple notions of Nature present in the sambas de enredo performed by the Special Group samba schools in Rio de Janeiro between 1972 and 2025, seeking to interpret the polysemic meanings involved. The methodological approach draws on bibliographic and documentary research, resulting in six thematic axes that guided the analysis. Considering that art and culture represent key processes in the production of subjectivities, Rio de Janeiro’s Carnival—an ancestral Afro-diasporic manifestation—emerges as a potential path toward rethinking and reconnecting the relationship between society, nature, and culture.

**KEYWORDS:** Nature; Sambas de enredo; Carnival.

## “Ó abre alas”

Os efeitos da chamada “crise do antropoceno” (Latour, 2020), vinculada ao modo de vida moderno e decorrente da separação artificial entre natureza e cultura e entre humanidade e natureza, vêm exigindo reflexões e apontando para a necessidade de reconfigurações e (re)conexões profundas. No entanto, como apresentado ao longo deste artigo, nem todas as relações da humanidade com e na natureza estão fadadas a gerar degradação. Ao contrário, trata-se de uma experiência bastante específica que se irradia para todos os continentes a partir dos chamados países do Norte global.

Assim, para sublinhar de modo inequívoco as responsabilidades na geração e perpetuação da atual crise ambiental, social, ética e política, outros autores utilizam os conceitos de “capitaloceno” e “plantationceno”. Donna Haraway sinaliza que nomear a policrise contemporânea como antropoceno, plantationceno ou capitaloceno implica em ressaltar a escala, a relação taxa/velocidade, além da sincronicidade e da complexidade (Harraway, 2016) dos sistemas que atuam na degradação do planeta em uma intrincada e poderosa articulação global.

Ao mesmo tempo, é notório que há inúmeros povos e sociedades que vivenciam experiências ancestrais pautadas em uma relação simbiótica com a natureza (Diegues, 2008) que é desequilibrada ou interrompida apenas quando pressionada por demandas da sociedade urbano-industrial como quando, via colonialismo, “... impuseram rupturas de relações que teciam outros mundos, outras maneiras de habitar a Terra” (Ferdinand, 2022). Esse é o caso de povos indígenas e outras comunidades tradicionais que seguem produzindo subjetividades distintas, a partir de outras racionalidades e cosmogonias, fortemente vinculadas ao mundo natural e profundamente conectadas ao território.

Quando se compreende que, como espécie humana, "... somos microcosmos do organismo Terra" (Krenak, 2019, p.17) e que "nossa saúde está ligada à saúde do planeta (Shiva, 2021), torna-se cada vez mais urgente refletir sobre o tipo de relação que construímos com e na natureza. Essa precisa ser (re)pensada a partir de perspectivas integradoras, inclusivas e plurais, que envolvam todos os seres vivos e promovam as garantias necessárias para uma vida de qualidade em sociedade e no planeta.

Nesse sentido, a arte possibilita captar e questionar padrões e preocupações de uma sociedade, o chamado espírito do tempo. Nas manifestações ligadas ao Carnaval brasileiro, os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, como produção afrodiaspórica (Futata, 2021), apresentam temas fundamentais para as sociedades que as produzem, para o país e, até mesmo, para a coletividade planetária. No espetáculo-competição, as Escolas de Samba compartilham múltiplas visões de mundo, provocando emoções, reflexões e inspirações capazes de questionar comportamentos junto a um público amplo e diversificado.

Com base nessas premissas, o presente artigo teve como inspiração a seguinte questão orientadora: como as múltiplas noções de natureza vêm sendo apresentadas nos enredos de Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro? A natureza dá samba?

Pelas discussões contempladas nesse artigo, as pistas indicam que sim. Nesse espetáculo, a apresentação de saberes ancestrais e perspectivas atualizadas de se conceber e de se viver a vida se expressam como um convite às reconfigurações de uma sociedade ocidentalizada e colonizada. Assim, as possibilidades distintas de relação da humanidade com a natureza, a partir de múltiplas noções existentes, se configuram com todo o processo que culmina nos desfiles. Mais recentemente, além dessas, as cosmovisões dos povos originários ameríndios têm sido cada vez mais expressas nos temas dos sambas de enredo.

Cabe ressaltar que, historicamente, os sambas de enredos, subgênero do samba urbano carioca, que Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2015) identificam como originário da cultura banto-africana, vêm transmitindo mensagens importantes e urgentes sobre a necessidade do cuidado e da proteção da natureza, fazendo ecoar o tema para o território nacional e outros países. Esse aspecto torna mais relevante a análise das composições desses temas, ainda tratados de forma secundária na educação formal majoritária, mesmo após as Leis 10.639/03 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino das Histórias e Culturas Afro-Brasileira e Indígena, respectivamente.

Nesse direcionamento, é importante resgatar a relevância do Sambódromo do Rio de Janeiro, oficialmente intitulado Passarela Professor Darcy Ribeiro, inaugurado em 1984, que passou a ser palco de uma das maiores festas populares do país. Nesse cenário de expressão mundial, os desfiles das Escolas de Samba passaram recentemente a ocorrer em três dias consecutivos, atraindo milhares de pessoas. Em 2021, o Sambódromo foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Além disso, a Lei Nelson Sargento, promulgada em 2023, reconhece os desfiles, música, práticas e tradições das escolas de samba como patrimônio cultural imaterial e manifestação da cultura nacional.

A partir dessas premissas, o presente artigo objetiva identificar as múltiplas noções de Natureza presentes nos sambas de enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial, do Rio de Janeiro, entre 1972 e 2025, buscando interpretar as polissemias envolvidas nesse contexto.

Para tal, o percurso metodológico partiu de pesquisas bibliográfica e documental, considerando como temas de análise as noções de natureza na literatura especializada. Além disso, mapeou-se as letras dos sambas de enredo apresentados no Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. A seguir, são descritos os resultados obtidos nessa imersão, a partir de perspectivas inspiradoras adotadas.

## Inspirações nas polissêmicas noções de Natureza

Em cenários de crise civilizatória é cada vez mais urgente refletir sobre o tipo de relação que construímos com a natureza. Essa vem sendo concebida historicamente nas sociedades ocidentalizadas como se o ser humano não fosse parte dela, mas um ente separado. Essas conexões precisam ser (re)pensadas a partir de perspectivas integradoras, inclusivas e plurais, que envolvam todos os seres vivos garantindo condições necessárias para uma vida de qualidade em sociedade e no planeta.

Na cosmovisão eurocêntrica, que alcança as sociedades ocidentalizadas via colonialidade, a palavra "natureza" que tem como origem o latim "natura", a partir do grego "physis", usualmente se refere a tudo o que existe no mundo. A partir do século XV, no descolamento entre religiosidade e ciência protagonizado pelos cânones cientificistas da modernidade, a natureza passa a ser dissecada e dessacralizada (Scarano, 2019). Disso deriva a também bastante utilizada expressão "mundo natural" e, posteriormente, "meio ambiente", que engloba os seres vivos e o ambiente biofísico (biótico e abiótico), terminologia preponderante no debate científico e acadêmico, marcado pelo paradigma hegemônico cientificista e utilitarista. Essa visão, segundo Lenoble (2002), fez com que se deixasse de "escutar" a natureza e se passasse a interrogá-la ininterruptamente.

A noção de natureza é cultural e historicamente construída, ou seja, cada sociedade concebe o que chamamos natureza e a partir de tais ideias são estabelecidas relações (Porto-Gonçalves, 2006). A terminologia "natureza", portanto, constitui uma abstração da ordem da construção social. Isso implica dizer que sua concepção, compreensão e as práticas a ela associadas são produto do que emerge dos paradigmas preponderantes nas sociedades.

Nas línguas Guarani e Tupi, há palavras que designam a terra e a vida. Para

os Guarani e Kaiowá, a palavra "tekohá" é usada para se referir a elementos como terra, floresta, campos, cursos de água, plantas e remédios, além de todas as condições que o território, sacralizado, proporciona para que a vida ocorra. Já para os povos Yanomami, "urihi", a terra-floresta (Kopenawa, 2009) é concebida como um ser vivo com o qual se tem uma relação de respeito e reciprocidade.

Já Nogueira (2010) ressalta que em perspectivas afrocentradas a chamada natureza não se refere apenas ao conceito de meio ambiente. Na cosmovisão e cosmogonia yorubá "edá" engloba todos os seres vivos e o meio ambiente. Além disso, há uma similitude entre o meio e as pessoas, o que implica em responsabilidade no cuidado e nas consequências do que se faz (Nogueira, 2010; Fernandes; Soares; Reis, 2018).

A palavra "aiyé", de origem yorùbá, designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada (por distinção ao òrun), dimensão da existência genérica e mundo habitado pelos òrisà, povoado, ainda, pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais.

Portanto, para os povos ancestrais, que não se dissociaram da natureza, como os povos originários ameríndios, comunidades tradicionais e quilombolas (Scarano, 2019), os chamados elementos naturais, rios, lagoas, o sol, o vento, a lava do vulcão, a chuva, dentre outros, são divindades continuamente cultuadas.

Desta forma, não existiria uma "natureza" por si própria, mas cosmovisões e cosmogonias que geram concepções de sentido distintas. Mas o que se entende por "natureza" é pensado a partir de relações sociais (Lenoble, 2002; Dulley, 2004). Nesse sentido, Philippe Descola alerta para o fato de que o pensamento eurocêntrico moderno encontra-se isolado como o único a conceber diferença entre natureza e cultura (Descola, 2023).

## Do global ao nacional – rebatimentos da questão ambiental

Tendo conquistado cada vez mais espaço na mídia, na academia, nos movimentos sociais, na iniciativa privada e influenciado processos de tomadas de decisão na gestão pública, a problemática ambiental tem alcançado ressonância nas últimas décadas. Esse movimento tem sido motivado, sobretudo, pelas articulações da sociedade civil, com repercussões em muitos setores, inclusive na música e, em especial, no samba.

Diante das repercussões dessas mobilizações globais, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) começou a ganhar forma a *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano*, em 1972. Esse marco no debate ambiental internacional ficou conhecido como *Conferência de Estocolmo*, por ter sido sediado nesta cidade sueca. Resultou desse evento a *Declaração de Estocolmo* contendo 26 princípios orientadores de uma nova visão de desenvolvimento.

Como desdobramentos, além de novas discussões, foi criado o *Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente* (PNUMA) e consolidada a *Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* (CMMAD).

A necessidade de salvaguardas ambientais influenciou a produção do relatório *Estratégia Mundial de Conservação* (1980) pela *União Internacional para a Conservação da Natureza* (IUCN, na sigla em inglês), que veio a se tornar a organização não governamental mais importante no cenário ambiental internacional.

Essa evolução levou a ONU a solicitar um relatório à CMMAD, presidida pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland (Lago, 2006). Em reconhecimento, o relatório *Nosso futuro comum* (1987) também é conhecido como *Relatório Brundtland*.



Esse relatório despertou um debate internacional ao defender uma perspectiva de equilíbrio entre as dimensões ambientais, econômicas e sociais, por meio do conceito de desenvolvimento sustentável. Essa seria uma via de possibilidade de subsistência das gerações atuais sem comprometer a sobrevivência das gerações futuras.

Independentemente das controvérsias suscitadas em relação à terminologia considerada vaga e contraditória (Nobre e Amazonas, 2002), esse debate continuou inspirando a ONU. Um passo seguinte foi a realização da *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD)*, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Esse marco da discussão ambiental ficou também conhecido como *Rio-92*. Dentre outros resultados gerados, nele foram firmados compromissos como a *Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima* e a *Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB)*.

A partir da Rio 92 ampliou-se a participação da sociedade civil nos debates promovidos pela ONU, tendo sido o Fórum Global um espaço paralelo de ativismo sem precedentes. Desde então, essa tornou-se uma marca em suas conferências.

Já na década seguinte, um passo importante foi o lançamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), também conhecidos como Metas do Milênio, em 2000. Essa agenda da ONU foi constituída por oito ODM, tais como: o combate à fome e à pobreza, melhorias na educação, promoção da igualdade de gênero, redução da mortalidade infantil, entre outros avanços na saúde. Foi contemplada, também, a sustentabilidade ambiental.

Nessa mesma década, lideranças políticas voltaram a se encontrar para refletir sobre os primeiros dez anos da realização da *Rio 92*. Foi em Johannesburgo (África do Sul), em 2002, que ocorreu a *Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável*, a chamada *Rio+10*, que reconheceu o

agravamento da crise ambiental apesar dos esforços até então (Lago, 2006).

Vinte anos após a Rio 92, outro encontro internacional de reflexão sobre os desafios ambientais e socioeconômicos foi sediado no Rio de Janeiro. Denominado *Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20)*, seus resultados geraram inúmeras controvérsias (Irving, 2014).

Algumas discussões sobre temas-chave não concluídas durante a Rio+20 ganharam força nos anos seguintes, com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) firmados pela ONU, em 2015. Pelo documento intitulado *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável* (UN, 2015a), a denominada *Agenda 2030* pode ser interpretada como uma convocação para o compromisso de proteção do planeta e da humanidade.

Os ODS simbolizam uma oportunidade sem precedentes de traçar um curso mais sustentável para a sociedade global, tendo em vista que buscam promover o respeito e a paz universal, além da dignidade e dos direitos humanos.

Não se pode perder de vista que o ano de 2015 também teve importância fundamental, no âmbito da ONU, pela pactuação do Acordo de Paris (UN, 2015b). Esse documento representa um novo esforço global pelo equilíbrio climático.

Paralelamente, também foi firmado, em 2022, o *Marco de Biodiversidade Global de Kunming-Montreal* (SCBD, 2022). Esse é outro importante pacto internacional com objetivos e metas para 2030.

Nessa retrospectiva, em 2019, o secretário-Geral da ONU convocou a sociedade para a *"Década da Ação"*, movimento para impulsionar a Agenda

2030 (Fragelli et al, 2021). Cabe ressaltar que, essas três agendas internacionais, que convergem em termos de prazo estabelecido, envolvem inúmeros desafios globais.

No Brasil, apesar das limitações enfrentadas, tendo em vista o cenário de Ditadura Militar instituído em 1964, começaram a ecoar as mobilizações socioambientais globais da década de 1970. Até mesmo alguns avanços institucionais foram observados, como a criação, em 1973, da Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), órgão que viria a originar o Ministério do Meio Ambiente (MMA).

A visibilidade dos impactos ambientais provocados por acidentes e poluição industrial impulsionou articulações e contribuiu para a criação de organizações ambientalistas que se fortaleceram posteriormente. Nesse contexto, avançaram mobilizações contra a energia nuclear e outros impactos socioambientais.

Nessa linha do tempo, a década de 1980 propiciou o início do processo de redemocratização do país, após mais de vinte anos de regime autoritário. A Política Nacional de Meio Ambiente (Brasil, 1981) foi uma das principais conquistas, tendo aberto caminho para que a Constituição Federal, de 1988, incorporasse, pela primeira vez, um capítulo dedicado ao meio ambiente. Reconhecida como Constituição Cidadã, a Carta Magna contemplou os direitos de povos e territórios indígenas.

No final dessa mesma década, o assassinato do seringueiro e ativista socioambiental, Chico Mendes, ocorrida em Xapuri (Acre), gerou comoção nacional e internacional. Essa tragédia expressou o risco da violência praticada contra os guardiões da natureza e evidentes disputas econômicas e políticas envolvendo a exploração dos ecossistemas naturais.

Essa tragédia ocorreu praticamente às vésperas da Rio-92. A partir dessa conferência, da qual o Brasil foi anfitrião, o país deu passos importantes rumo ao fortalecimento da proteção da natureza. Além disso, ampliaram-se capacidades estatais e fortaleceram-se organizações ambientalistas. Uma ilustração desse cenário promissor foi a criação do Ministério do Meio Ambiente (Brasil, 1992).

Como resultado da efervescência socioambiental e cultural da década de 1990, os anos 2000 vivenciaram importantes avanços político-institucionais. Nesse direcionamento, a instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) (Brasil, 2000) representou um arcabouço estratégico, após mais de uma década de debate social.

Ainda na década de 2000, outros avanços relacionados à proteção da natureza foram a criação da Política Nacional de Biodiversidade (Brasil, 2002) e o Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas, PNAP (Brasil, 2006). Ambos são resultados diretos de compromissos assumidos pelo governo brasileiro como signatário da CDB (Medeiros, 2006; Irving et al, 2023). Nesse período, cabe enfatizar ainda a instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Brasil, 2007).

Na década de 2010 inúmeros embates culminaram com a controversa reforma do Código Florestal (Brasil, 2012). O movimento ambientalista já alertava para os riscos desse processo, incluindo o aumento do desmatamento. Esse período se encerrou em um cenário de crise político-institucional com inúmeros retrocessos socioambientais. Nesse contexto, agravaram-se os impactos ambientais na Amazônia e em outros biomas, repercutindo em ameaças à natureza e aos povos e populações tradicionais (Irving et al, 2023).

A transição entre as duas últimas décadas foi marcada por uma crise multidimensional com um aprofundamento em embates envolvendo

visões equivocadas de que a proteção da natureza representa um empecilho ao desenvolvimento econômico do país.

Considerando o andamento da década atual, marcada por incertezas, guerras e outros conflitos, a Década da Ação, (2021 a 2030), instituída pela ONU, pode representar uma motivação para a construção de futuros possíveis, nos quais, a proteção da natureza e das culturas dos povos seja considerada uma prioridade. E assim, passe a inspirar sambas que, para além do grito de alerta, venham despertar a emoção e renovar a esperança das atuais e futuras gerações.

## O percurso metodológico

Para responder ao objetivo proposto, a metodologia adotada foi construída em cinco etapas: 1) pesquisa bibliográfica; 2) pesquisa documental; 3) seleção do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro; 4) mapeamento e sistematização dos sambas de enredo, com apoio do *software* de gerenciamento e análise de dados ATLAS.ti; e 5) análises dos resultados.

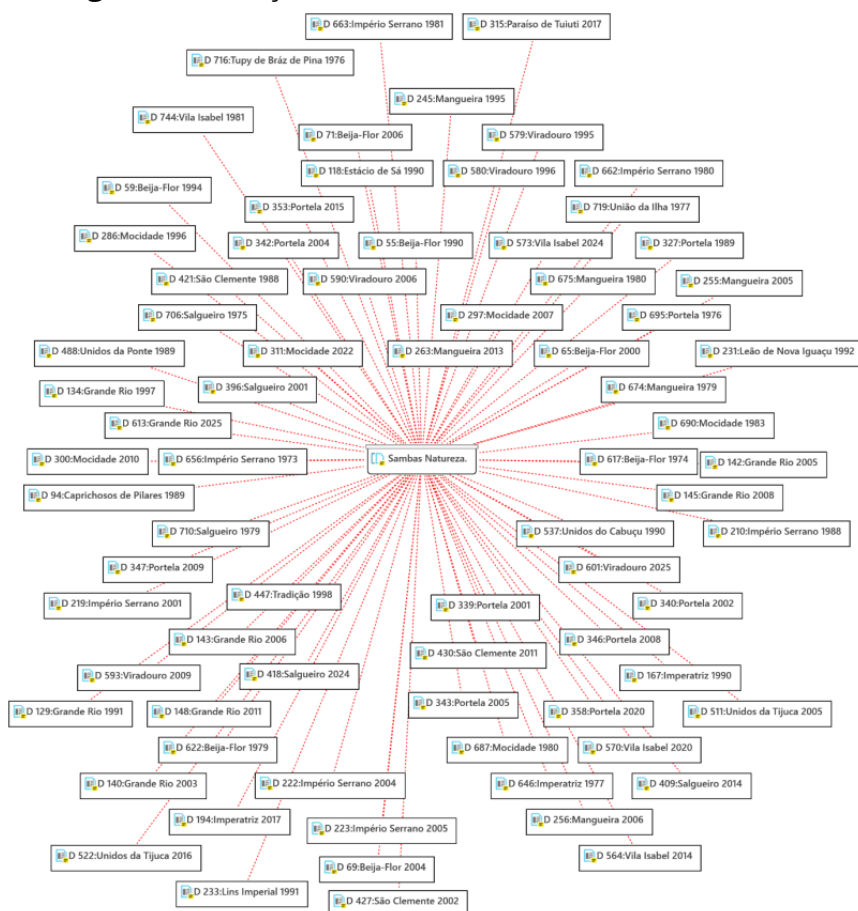
O recorte temporal desta investigação compreendeu o período de 1972, ano da Conferência de Estocolmo e 2025, ano do último desfile até o fechamento deste artigo. Nesse contexto, foram sistematizados todos os sambas de enredo buscados via internet, nos seguintes websites: Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro<sup>i</sup> (Liesa), Galeria do Samba<sup>ii</sup> e Letras<sup>\*iii</sup>.

Nessas fontes consultadas, foram observadas algumas divergências de informações referentes às letras e às autorias dos sambas. Tendo em vista a necessidade de evitar possíveis equívocos recorreu-se, ainda, às páginas oficiais das Escolas de Samba. No entanto, percebeu-se que nem todas as agremiações dispunham de um histórico completo com as letras dos seus

sambas de enredo. Apesar das limitações encontradas, o universo pesquisado compreendeu 53 desfiles<sup>iv</sup>, totalizando 35 escolas e 703 sambas de enredo.

Importante enfatizar que muito embora o artigo apresente dados quantitativos, esses não representam o principal enfoque da pesquisa, dadas às subjetividades envolvidas no tema investigado. Porém, a título de ilustração, a temática trabalhada é atravessada pela análise de 76 sambas de enredo (Apêndice A) que expressam mais amplamente algumas das principais nuances sobre natureza neste recorte temporal e espacial, conforme pode ser observado, na Figura 1, apresentada a seguir:

**Figura 1** – Relação dos sambas Natureza (1972 a 2025)

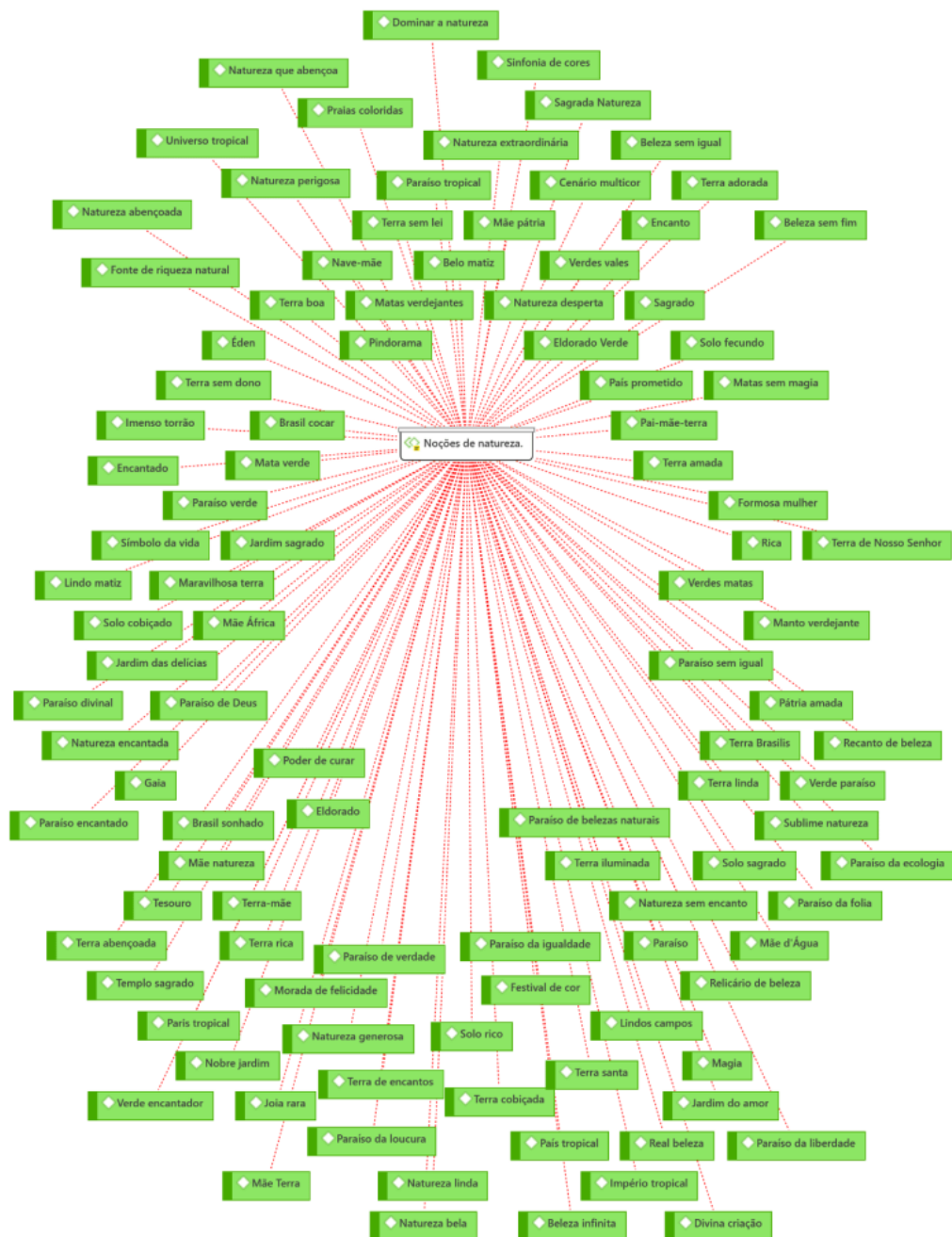


Fonte: Elaborado pelos autores (2025) com base no ATLAS.ti

Posteriormente, todos os sambas de enredo mapeados foram sistematizados no ATLAS.ti (Frieze, 2014) e analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016). Com base nessa metodologia, emergiram as principais noções de natureza, conforme a ocorrência dos temas, gerando, assim, as categorias definidas a posteriori. A partir desse exercício, foram desenvolvidas análises críticas mais aprofundadas dessas perspectivas que inspiram a construção deste artigo.

Nesse direcionamento, foram sistematizadas 107 expressões (citações) das possíveis noções de natureza identificadas nas 76 letras selecionadas. O resultado dessa última etapa está ilustrado na Figura 2, apresentada a seguir:

**Figura 2** – Noções de natureza nos sambas de enredo da cidade do Rio de Janeiro (1972 a 2025)



Fonte: Elaborado pelos autores com base no ATLAS.ti (2025).



Sem perder de vista as subjetividades em relação ao tema pesquisado, apresenta-se, a seguir, um conjunto de expressões conectado aos sambas de enredo que ilustra, pedagogicamente, a amplitude, além da complexidade envolvida, para responder ao objetivo proposto.

## **Mapeando e interpretando as múltiplas noções de natureza**

Partindo da base conceitual que orientou esta pesquisa, buscou-se identificar as múltiplas noções de Natureza presentes nos sambas de enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial, no Rio de Janeiro, entre 1972 e 2025, buscando interpretar as polissemias envolvidas nesse contexto. Para tal, os 76 sambas de enredo foram organizados por década, como pode ser observado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1** – Sambas de enredo sobre natureza por década

<b>Década</b>	<b>Nº. de sambas de enredo</b>
1970	10
1980	11
1990	14
2000	24
2010	10
2020	07

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Desse total, foram definidas seis categorias de análise que expressam as 107 citações ilustrativas de como a natureza vem sendo interpretada nesse contexto, respondendo, assim, ao objetivo principal desta investigação. Essas categorias foram brevemente descritas no Quadro 2, apresentado, a

seguir:

**Quadro 2** – Categorias de natureza identificadas nos sambas de enredo (1972 a 2025)

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Natureza Ameaçada	Apesar do planeta lidar historicamente com mudanças naturais, as ações antrópicas vêm gerando impactos devastadores na natureza. Assim, essa categoria é ilustrada por ameaças como o desmatamento, a poluição, o esgotamento dos ecossistemas, as queimadas e o agravamento da crise climática. Todos esses riscos contribuem para a perda da sociobiodiversidade e impactam modos de vida dos povos e das populações tradicionais, bem como, apontam para incertezas envolvendo as pessoas e o próprio planeta.
Natureza Encantada	Expressa a noção de natureza como um ser vivo, divino, místico, plural, espiritualizado e sagrado, não somente como um recurso a ser explorado, mas como uma trama de fios de significados que estão interligados e que influenciam uns aos outros, sendo capaz de curar. Essa tessitura é exaltada por meio das divindades que representam as forças da natureza, como os Orixás e outros ancestrais divinizados e encantados. Todos estão entrelaçados e em harmonia com os elementos naturais (água, fogo, terra e ar), elos essenciais para uma conexão inerente da sociedade com o mundo natural.

Natureza Exuberante	Abrange uma noção de natureza abundante, bela, algumas vezes, intocada, equilibrada e pura, ilustrada por uma beleza cênica presente em uma diversidade única de fauna e flora (profusão de vida), nas paisagens, nos ecossistemas e nos biomas. Essa noção transmite uma ideia da necessidade de apreciá-la. Por outro lado, expressa uma ambiguidade: ao mesmo tempo, que sugere uma natureza frágil que precisa ser protegida, reitera uma percepção de natureza forte, intensa e com vitalidade própria.
Natureza Materializada	Refere-se à ideia de natureza, cobiçada e manipulada sob o viés utilitarista, ou seja, como recurso a ser explorado pela humanidade. Em essência, emerge quando transformada em produto ou serviços em um jogo de forças em que a sociedade se percebe superior aos demais elementos dessa própria natureza (visão antropocêntrica). Questões materiais e simbólicas geralmente retratam essa relação dicotômica que tem se perpetuado, historicamente, mas que demanda novas formas de se pensar e agir nessa interface.
Natureza Personificada	Atribui características e qualidades humanas à natureza (emocionais ou físicas), compreendendo, também, os entes não humanos. A natureza personificada vem sendo retratada como elemento narrativo, tema ou personagem, frequentemente utilizado para projetá-la como uma entidade viva de poder curativo. Essa noção associa a natureza à fertilidade, à perspectiva de origem de todos os seres. Significa, assim, a personificação da mãe que acalma, conforta, nutre, protege e é responsável pela fonte da vida.

Natureza Preservada	Retoma a ideia de uma natureza livre, próspera, imaculada, crucial tanto para a saúde ecológica quanto para o bem-estar humano. É entendida como fonte de sustentação e inspiração da própria vida na Terra, sobretudo, em um cenário de crise que envolve a perda de biodiversidade e o agravamento das mudanças climáticas. Nesse sentido, reforça-se a importância da sua proteção para a coexistência entre humanos e outros seres vivos, em busca de um objetivo comum que é o sentido da importância da própria vida.
---------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Esse conjunto de categorias de natureza apresentado ilustra a diversidade de significados expressos nas letras dos sambas de enredo. Cabe reiterar que essa leitura crítica está ancorada em bases teóricas interdisciplinares que envolvem também diálogos de saberes científicos e de conhecimentos tradicionais. Nesse sentido, os olhares aqui apresentados buscam externalizar percepções e impressões a partir das ideias que foram diretamente expressas no conteúdo analisado. Embora se tenha a dimensão das inúmeras subjetividades envolvidas na amplitude e na complexidade do tema em foco, não foi objeto dessa pesquisa, uma interpretação de perspectivas implícitas e subliminares.

Ainda que não seja objetivo desta pesquisa uma análise prioritariamente quantitativa, percebeu-se que as perspectivas de natureza encantada e exuberante foram as que mais se sobressaíram na investigação realizada, com 34 e 33 citações, respectivamente. Em seguida, observou-se a recorrência das visões de natureza ameaçada, 29, e personificada, 27. Por fim, identificaram-se as noções de natureza preservada, 18, e materializada, 16. Importante ressaltar que algumas letras de sambas de enredo contêm uma ou mais categorias de natureza, o que ilustra a

dificuldade de delimitar, precisamente, as nuances envolvidas nessa análise.

Os resultados obtidos são apresentados, a seguir, por décadas, nas quais se expressam as principais questões observadas nas letras dos sambas de enredo. Entende-se que esse universo identificado reflete, em alguma medida, o contexto socioambiental e político dos períodos em foco.

### **Década de 1970: Emerge a natureza exuberante**

O contexto político da década de 1970, marcado por um regime autoritário, de alguma forma, se expressa nas letras dos sambas de enredo analisados. Nesse universo se percebe muito pouco de perspectiva crítica envolvendo questões sobre a proteção da natureza. A categoria natureza exuberante foi preponderante com sambas que exaltavam não somente as belezas e riquezas naturais como celebravam processos de exploração como sinônimo de progresso necessário e inevitável.

Em três sambas (D617; D710 e D716) é possível perceber a presença das palavras “ordem” ou “progresso”. Não se pode desconsiderar que esse lema presente na Bandeira Nacional era fortemente repetido pelas lideranças governamentais naquele período de autoritarismo em que o ufanismo era característica acentuada. Também se tornou amplamente reconhecido, naquela época, o slogan “O Petróleo é nosso”. Outro exemplo desse cenário, era a própria estratégia governamental que estimulava a ocupação de terras na Amazônia, sendo necessário para tal, a derrubada de áreas de floresta.

Como ilustração desse contexto, o samba da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis (D617), de autoria Walter de Oliveira e João Rosa, em 1974, se inicia com o seguinte verso:

“É estrada cortando  
A mata em pleno sertão  
É petróleo jorrando  
Com afluência do chão”.

Em outro trecho sentenciamos:

“Quem viver verá  
Nossa terra diferente  
A ordem do progresso  
Empurra o Brasil pra frente”.

Uma exceção observada foi o samba do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro (D710), composição de Bala, Cuíca e Luís Marinheiro, de 1979. Nele sinalizava-se que aquela natureza de “lindos campos”, “verdes matas”, uma “terra abençoada por Deus” enfrentava ameaças:

(...)  
Na primavera,  
As lindas flores  
Desabrocham no jardim.  
Mas surgiu o rei do mal,  
Com a chegada do progresso,  
Abalando a estrutura mundial,  
Poluindo nossa terra,  
Aniquilando o que Deus abençoou,  
E quem sofre é a Nação,  
Nesta batalha  
Onde não há vencedor.  
E a natureza,  
Com seu cenário multicolor,  
Refloresce novamente  
Com todo seu esplendor

Nesta categoria em que a noção de natureza exuberante foi recorrente, percebeu-se no exemplo anteriormente mencionado, que também parece haver uma esperança na capacidade de regeneração da natureza por si mesma.

Por outro lado, no universo analisado sobre esse momento histórico, não se observou referência direta aos povos originários. Esses foram mencionados apenas quando narradas algumas lendas indígenas e de divindades africanas (D656 e D695).

### **Década de 1980: A natureza exuberante começa a ser ameaçada**

Dos onze sambas selecionados na década de 1980 observou-se a referência de natureza exuberante, mas a categoria que se sobressaiu foi a de natureza ameaçada. Expressões como “extinção”, “massacrado”, “poluição”, “queimadas”, “invasão”, “destruição”, entre outras, trazem o tom dessa perspectiva.

Em 1989, o G.R.E.S. Caprichosos de Pilares (D94) trouxe um samba que apresentou, criticamente, algumas ameaças que pareciam preocupantes, naquela época, com o samba de enredo “O que é bom todo mundo gosta”, composição de Wanderlei Novidade, Paulinho Rocha, Vanico do Beco, Walter Pardal e Jorge 101.

O samba se inicia mencionando que a exploração das riquezas naturais do Brasil remonta aos tempos da colonização e que o país seria uma terra cobiçada, na qual, os povos originários, historicamente, têm sido enganados:

Vem de lá dos tempos de Cabral  
A exploração do meu país (meu país)  
Ganhavam no grito  
Deram pro índio um apito (fiu-fiu)

Levaram todo o nosso pau-brasil  
 Eu já mandei buscar  
 A minha figa de Guiné (de Guiné)  
 Vou rezar não sei aonde  
 Pra espantar este olho grande  
 Da terra que o mundo todo quer  
 É só papo, é caô  
 Ninguém sabe, ninguém viu  
 Depositam na Suíça  
 O que levam do Brasil

Outro samba que tratou sobre a visão de natureza ameaçada foi “Quem avisa amigo é”, do G.R.E.S. São Clemente (D421), composto por Chocolate, Helinho 107 e Izaias de Paula, em 1988. Como parte da crítica apresentada nessa composição se destaca a exploração dos povos originários e da população negra que foi escravizada, bem como, as ameaças à biodiversidade:

Desponta na avenida "nova mente"  
 Mais uma vez vou cantar com altivez  
 Ora, tenha a santa paciência  
 Por que tanta violência  
 Nosso mundo está sofrendo  
 A fauna e a flora em extinção  
 Ainda temos esperança  
 De encontrar a solução  
 Nosso índio perde e terra  
 E é massacrado

Negro sofreu com a escravidão (bis)  
 Sonhava chegar o dia da libertação.  
 (...)

Por sua vez, poucas menções de natureza encantada foram identificadas. O mesmo ocorre em relação aos povos indígenas e suas lendas, bem como,



aos povos afrodescendentes e suas divindades representadas pelos Orixás. No entanto, esses povos são mencionados pela perspectiva da exploração que sofreram, historicamente, como percebido nas referências D687 e D327.

É importante enfatizar que a década de 1980 foi um período de intensa articulação social e de inúmeras transformações políticas no cenário nacional. Exemplos, nesse sentido, são a redemocratização do país e o fortalecimento das agendas socioambientais, sustentados pela Constituição Federal de 1988. Os sambas analisados, em alguma medida, refletem esse contexto.

Mas não se pode desconsiderar que essa década termina sob a forte comoção nacional e internacional causada pelo assassinato do líder seringueiro e ativista socioambiental, Chico Mendes, em 1988. Esse fato expressou, também, o cenário de conflito socioambiental existente que, de alguma forma, se reflete nos sambas de enredo analisados.

### **Década de 1990: da natureza encantada aos perigos do desenvolvimento**

Embora a categoria de natureza encantada tenha se destacado na década de 1990, dentre os catorze sambas analisados é possível observar, também, a incidência das categorias de natureza ameaçada e exuberante.

O samba da S.R.E.S. Lins Imperial (D233), de 1991, intitulado “Chico Mendes, o Arauto da Natureza”, de autoria de João Banana, Jorge Paulo, Serjão e Tuca, exemplifica a conexão entre as três categorias mencionadas. A composição resgata o assassinato desse que foi considerado um dos maiores ativistas ambientais do Brasil, ocorrido no final da década de 1980:

Quanta maldade é ver

O homem destruir  
O que hoje encanta (bis)  
A Sapucaí

Amazônia  
Que verde encantador  
Fauna tão linda  
Um verdadeiro festival de cor  
Terra rica em frutos e pesca  
Chico foi o mensageiro (bis)  
Em defesa da floresta

Os invasores, por ambição  
Calaram Chico  
Dando sequência à destruição

Kararaô  
O grito forte do índio ecoou  
Kararaô (bis)  
A natureza inteira despertou

Voa pássaro da paz  
Voa livre e vai mostrar (mostrar, mostrar)  
Que essa área verde existe  
Para o mundo respirar, lá, lá, laiá  
Para o mundo respirar.

Nessa década foi observada uma expressiva presença de temas amazônicos no universo pesquisado. Seis sambas mencionaram o bioma (D59, D118, D134, D233, D447 e D580), sendo que em quatro deles, esteve mais presente a nuance encantada. No entanto, verificou-se que essa perspectiva esteve, lado a lado, com as categorias de ameaça e exuberância, assim como no contexto geral deste período analisado.

No desfile do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio (D134), de 1997, o samba

de enredo intitulado “Madeira-Mamoré, a volta dos que não foram, lá no Guaporé”, composição de Grajaú, Jarbas da Cuíca, Muralha e Sabará”, abordou uma natureza a partir dos seus mitos e lendas. Narrou, também, os segredos das matas e simbolizou o utilitarismo do potencial da floresta como aquele propiciado pelo ciclo econômico da borracha, com sua produção de riqueza e ameaças na região Norte do país. Abordou, ainda, a questão dos povos originários durante a construção da ferrovia que inspirou esse enredo:

(...)  
Chegaram cheios de esperança  
Não sabiam dos mistérios que teriam de enfrentar  
Essa mata tem segredos  
Que o homem não consegue desvendar  
É um mundo de encanto e magia, perfume e fantasia  
Cicatriz que a Amazônia fez chorar

(...)  
Era o eldorado do látex no Brasil  
A riqueza que a cobiça alimentou  
(...)

Outro exemplo, com esse direcionamento, foi o samba “Viagem fantástica ao pulmão do mundo”, do G.R.E.S. Tradição de 1998 (D447). Nessa composição de Taroba, Lima, Sandro Maneca, Jonas Camiseta, Marcos Glorioso e Arismar Ubaldino é destacada a exuberância e a riqueza da Amazônia. Além disso, alerta sobre os perigos enfrentados pelos povos indígenas, diante do processo de desenvolvimento perpassado por conflitos e outros riscos:

(...)  
Amazônia, quanta beleza sem igual  
Fonte de tanta riqueza  
Que Orellana se encantou

Eu vi mulheres guerreiras  
A fauna e a flora, naveguei no Rio-Mar  
A lenda da vitória-régia  
O boto cor-de-rosa a brincar  
O homem branco surgiu  
E o sossego acabou  
O Índio logo sentiu  
Perigo devastador  
(...)

Nessa década, observou-se ainda uma presença da floresta amazônica mais associadas às lendas, aos encantados e a outros símbolos de magia que caracterizam a tradição oral presente nas culturas dos seus povos e populações tradicionais.

Possivelmente, essas e outras questões tiveram como inspiração o início da década de 1990, já influenciado pelos preparativos da Rio 92. Essa conferência se notabilizou, internacionalmente, em relação aos debates sobre desafios da agenda ambiental global, com nítidas repercussões no cenário nacional, onde essa temática conquistava também mais visibilidade.

### **Década 2000: da natureza ameaçada ao desejo de proteção**

Com 24 sambas de enredo, o maior número mapeado nesta investigação, a década de 2000 se destaca pelas categorias de natureza ameaçada e preservada, ambas com a mesma incidência. Em seguida, percebe-se, também, a presença das categorias encantada e exuberante.

Em 2005, o G.R.E.S. da Portela (D343) apresentou uma perspectiva otimista, também com enfoque na proteção da natureza, com o samba de enredo “Nós Podemos: oito ideias para mudar o mundo!”, uma composição de Noca da Portela, Darcy Maravilha, J. Rocha e Noquinho. A letra repercutia

os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), uma agenda da ONU, lançada no início da década:

Portela hoje abraça o mundo  
Num amor profundo pela fraternidade  
O samba é o porta-voz  
E nós podemos desatar os nós

(...)

Preservar a natureza  
Ver o bem vencer o mal  
A ONU e o samba, parceria ideal  
Pro desenvolvimento mundial.  
(...)

Naquele mesmo ano, o G.R.E.S. Império Serrano (D223) trouxe para a avenida o samba de enredo “O grito que ecoa no ar - homem/natureza, o perfeito equilíbrio”, autoria de Marcão, Marcelo Ramos e João Bosco. Essa composição teve enfoque na natureza ameaçada pelo que foi interpretado como ganância humana, sem deixar de apontar, também, uma visão para o esperar da humanidade e das futuras gerações:

Meu grito ecoa pelo ar  
Faço um alerta ao mundo  
O homem com a sua ambição  
Trouxe a tecnologia  
Fez mal uso da razão  
De mãos dadas com a ganância  
Tem tudo que lhe deu o criador ôô  
(...)

E assim num grande gesto de amor  
Já tem gente a refletir  
E por mim vive a lutar  
Um fio de esperança a reluzir

Basta reciclar os seus conceitos  
Na reforma ser perfeito  
Produzir sem maltratar  
Sou a mãe Terra  
Só o seu amor vai me salvar  
(...)

Ainda nessa década, outros sambas de enredo demonstraram essa dualidade entre alertas sobre ameaças existentes e a crença no potencial da humanidade de rever sua forma de lidar com a natureza. Assim, em geral, as mensagens ecoaram como um convite para a sociedade refletir e agir (D65, D143, D145, D346, D339, D396 e D427).

Tanto em nível global como no caso brasileiro, a década de 2000 teve uma importância fundamental na construção de políticas públicas dirigidas à proteção da natureza e aos povos indígenas. Da mesma forma, articulações sociais se intensificaram e as agendas socioambientais passaram a repercutir mais amplamente. Possivelmente, esses avanços se refletiram nos sambas de enredo quando se trata da perspectiva esperançosa, sem perder de vista os alertas sobre os riscos existentes, considerando que esse período também foi marcado por diversas ameaças e conflitos.

### **Década de 2010: onde a sacralidade, o encantamento e a exuberância se encontram**

Na década de 2010 foram selecionados dez sambas de enredo, nos quais se destacaram as categorias de natureza encantada, exuberante e personificada. Uma das letras que ilustra esse conjunto de perspectivas foi a do G.R.E.S. do Salgueiro (D409), intitulado “Gaia, a vida em nossas mãos”, composição de Betinho de Pilares, Dudu Botelho, Jassa, Miudinho, Rodrigo Raposo e Xande de Pilares:

Salgueiro!  
Na sutileza dos teus versos  
Todo o encanto do universo  
E a divina criação, mistérios da imensidão  
Gaia! Terra, viva a riqueza!  
Gira o mundo, meu cenário  
Relicário de beleza  
Templo sagrado de Olorum  
Salve a grandeza de Oxalá  
Guardiões da natureza  
É a magia dos Orixás  
(...)

Outro exemplo dessa interconexão foi o samba de enredo do G.R.E.S. da Vila Isabel (D564), "Retratos de um Brasil plural", de André Diniz, Arlindo Cruz, Artur das Ferragens, Evandro Bocão e Professor Wladimir:

Brasil minha terra adorada  
Moldada pelo criador  
Mistura de cada semente  
Nasceu realmente quando aportou  
Mãe África a luz do teu solo  
No espelho perfeito do mar  
Cultura se deita em teu colo  
Gigante-mestiço se fez despertar  
A brasilidade aflora no sertão  
Ser tão exuberante na raiz  
De um rosto caboclo, cafuso ou mulato  
Retratos do meu país.  
(...)  
Doce canto do uirapuru  
Choram seringueiras, cobiça ameaça,  
Floresta entrelaça pela salvação  
O grito da preservação  
(...)

Mais uma vez a sacralidade da natureza se expressa, diretamente, no samba de enredo “Semeando sorriso, a Tijuca festeja o solo sagrado”, do G.R.E.S. Unidos da Tijuca (D522), de 2016, uma composição de Zé Paulo, Sierra, Paulo Oliveira, Gustavo Clarão, Dudu Nobre e Claudio Mattos:

Salve a mãe Natureza  
A luz da riqueza  
O Dono da Terra, a inspiração  
A Tijuca festeja o solo sagrado em oração  
(...)  
Sagrada Natureza a nos abençoar  
Brotou o suor que escorre na enxada  
Ara, planta, colhe em devoção  
E ver de perto a cria alimentada  
Flores que aquarelam a região  
(...)

Nessa década em que as categorias de natureza encantada, exuberante e personificada se sobressaíram, percebe-se, mais nitidamente, a reverência às divindades afro-indígenas, interpretada como um diferencial nesse recorte da pesquisa. Curiosamente, ainda nessa seleção, apenas uma composição expressa mais diretamente uma nuance de natureza ameaçada (D194), divergindo das últimas décadas analisadas. Nessa abordagem, se destaca a luta pela terra dos povos indígenas na Amazônia.

Em uma leitura crítica das letras é possível perceber a defesa da natureza como um ser sagrado e pleno de vida. Por isso, a sociedade deve assumir o compromisso pela sua proteção. O samba abraça expressamente essa missão, ao declarar: “O samba é a minha natureza, é bom lembrar / Tem que respeitar” (D564).

## **Década de 2020: a reconexão com a natureza encantada**



Na década atual, até o ano de 2025, foram mapeados sete sambas de enredo. Entre esses, se sobressaiu a categoria natureza encantada, na qual, se expressa fortemente divindades indígenas e africanas. Possivelmente, como uma tendência já identificada no período anteriormente analisado.

Nesse direcionamento, com um olhar crítico e atual, o G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro (D418), com o samba “Hutukara”, em 2024, abordou a noção de natureza encantada e ameaçada dos povos indígenas Yanomami. Essa foi uma composição de Pedrinho da Flor, Marcelo Motta, Arlindinho Cruz, Renato Galante, Dudu Nobre, Leonardo Gallo, Ramon Via 13 e Ralfe Ribeiro que destacou a cosmovisão dessa etnia, com nuances de grito de alerta:

(...)  
Ya temí xoa, aê-êa  
Ya temí xoa, aê-êa  
Meu Salgueiro é a flecha pelo povo da floresta  
Pois a chance que nos resta é um Brasil cocar  
(...)  
É Hutukara, o chão de Omama  
O breu e a chama, deus da criação  
Xamã no transe de Yãkoana  
Evoca Xapiri, a missão  
Hutukara ê, sonho e insônia  
Grita a Amazônia antes que desabe  
(...)

Nesse contexto, a reedição, em 2024, do samba de enredo “Gbalá: Viagem ao Templo da Criação”, do G.R.E.S Unidos de Vila Isabel (D573), ressaltou a natureza encantada, ameaçada e personificada. Essa composição, de inspiração para a pesquisa, foi originalmente lançada por Martinho da Vila, em 1993:

(...)  
Gbalá é resgatar, salvar  
E a criança, esperança de Oxalá  
Gbalá, resgatar, salvar  
A criança é esperança de Oxalá, vamos sonhar  
Meu Deus  
O grande Criador adoeceu  
Porque  
A sua geração já se perdeu  
Quando acaba a criação, desaparece o Criador  
Pra salvar a geração, só esperança e muito amor  
(...)  
Viram como foi criado o mundo  
Se encantaram com a Mãe Natureza  
Descobrimo o próprio corpo, compreenderam  
Que a função do homem é evoluir  
(...)

Assim como os dois exemplos mencionados anteriormente, outros sambas de enredo retratam, também, as visões de natureza encantada (D311, D601 e D613). Nesse contexto foi observada uma ênfase às lendas, à ancestralidade e à espiritualidade afro-indígena brasileira.

Conclui-se com esta imersão que, inicialmente, as letras dos sambas de enredo apresentavam, recorrentemente, um viés de natureza exuberante que se refletia sem um debate crítico dos problemas relacionados às questões ambientais. Posteriormente, percebe-se uma mudança de paradigma iniciada com a denúncia de ameaças como uma preocupação frequente. Além disso, observam-se desdobramentos de uma certa dualidade entre os riscos envolvendo a natureza e a necessidade de protegê-la.

Nesse contexto, conclui-se, também, que a perspectiva de sacralidade da natureza passa a resgatar a força de raízes ancestrais, a partir de

divindades, mitos, lendas e seres encantados afro-indígenas. Com enfoque em visões de mundo distintas, as composições possibilitam, assim, novos olhares sobre a interface entre natureza, sociedade e cultura.

## Considerações Finais

As raízes ancestrais do samba possuem uma relação visceral com a cidade do Rio de Janeiro. É partindo dessa inspiração que esta pesquisa buscou identificar as múltiplas noções de Natureza presentes nos sambas de enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial, no Rio de Janeiro, entre 1972 e 2025, interpretando as polissemias envolvidas nesse contexto.

Tendo em vista essa inspiração, o percurso metodológico adotado envolveu pesquisas bibliográfica e documental, além de mapeamento dos sambas de enredo, nesse recorte temporal. Respondendo ao objetivo proposto, foram identificados 76 sambas de enredo que apresentam as noções de Natureza interpretadas nesta análise como ameaçada, encantada, exuberante, materializada, personificada e preservada.

Como pistas trazidas pelo vasto material analisado, é possível apreender, principalmente, o caráter polissêmico das noções de Natureza expressas nas letras selecionadas. Essa diversidade ilustra a Natureza “cantada” e costurada como uma teia interconexa de significados. Muito embora, tenha se observado o sentido de Natureza fortemente vinculado aos povos indígenas, nesta pesquisa não foi desconsiderada a questão histórica da própria origem do samba vinculada às raízes africanas.

Considerando que os dados foram sistematizados por décadas, algumas ideias centrais podem ser compartilhadas sobre o tema em foco. Dentre as quais, a ocorrência de transformações perceptíveis nas formas de apresentar a natureza nos sambas de enredo.

Nessa transição entre décadas, se percebe que a relação entre samba e natureza parte de desdobramentos que vão, inicialmente, da falta de perspectiva crítica sobre os problemas socioambientais aos posicionamentos políticos em defesa de salvaguardas. Para além da proteção ambiental, essas, também contemplam a dimensão cultural.

No universo pesquisado, percebe-se que o enfoque da natureza exuberante na década de 1970, por exemplo, sinaliza a falta de senso crítico sobre os problemas ambientais existentes, à época. Mas não se pode desconsiderar que aquele período era ainda marcado pela Ditadura Militar, na qual a censura da produção cultural era uma característica preponderante. Por sua vez, na década de 1980, as letras dos sambas de enredo começaram a sinalizar para a capacidade de expressão do pensamento crítico sobre a agenda socioambiental, incorporando alertas de ameaças da natureza para além da sua exuberância. Certamente, isso foi possibilitado pela abertura do cenário político e pelo processo de redemocratização do país.

Na retrospectiva em foco, outras interpretações possíveis indicam que ampliou-se a presença do bioma amazônico nos sambas de enredo, com destaque para as suas lendas e seus seres encantados, muito associados à cultura de seus povos e populações tradicionais. Também se percebe, entre as décadas de 1990 e 2000 que para além das denúncias sobre as ameaças envolvendo a natureza e as culturas ancestrais, as composições passaram a incorporar mensagens defendendo a sua proteção. É importante ressaltar uma percepção de posicionamentos políticos mais evidentes na relação entre samba e natureza, desde então.

Possivelmente, os avanços alcançados no cenário nacional, em termos de salvaguardas socioambientais e de capacidade de articulação da sociedade, se refletiram nessa análise. Nesse sentido, as tradições ancestrais representadas pelo samba como expressão cultural nacional contribuíram para tornar os desfiles uma espécie de vitrine fundamental

de sensibilização da sociedade. Para tal, enfocando tanto as ameaças envolvendo a natureza como disseminando mensagens de esperança na capacidade humana de assumir a sua necessária proteção, a partir desses convites inspiradores.

Nessa transição entre décadas, outra questão que passou a se sobressair, nos últimos anos, foi a reverência às divindades afro-indígenas. Nesse sentido, a passarela do samba tende a se configurar como um espaço fundamental para a expressão de diferentes formas de religiosidade, contribuindo, assim, também como possibilidade de enfrentamento à intolerância religiosa. Essa interpretação tende a indicar a potencialidade dos sambas de enredo de transmitir diferenciadas cosmovisões e modos de vida peculiares às heranças ancestrais em um país de mega diversidade cultural como o Brasil.

Em síntese, considera-se que a interface entre samba e natureza tende a se traduzir em uma potencialidade para o resgate histórico da própria essência cultural, não somente carioca, mas também brasileira, tendo nessa interconexão, uma perspectiva educativa para inspirar essa missão. E por que não transformar os desfiles do Sambódromo, neste que é considerado um dos maiores espetáculos a céu aberto do mundo, em um espaço primordial para expressar pedagogicamente a importância de resgatar, respeitar e valorizar as diversidades culturais?

Além disso, conclui-se que a perspectiva de indissociabilidade da relação entre sociedade-natureza-cultura, defendida nesta pesquisa, se configura pela relevância central para se pensar na necessidade urgente de reencantamento do mundo diante de uma crise de múltiplas dimensões. Partindo da inspiração entre samba e natureza aqui analisada, por um viés interdisciplinar, compreende-se, por fim, que essa interface tende a contribuir para a sensibilização pública sobre a demanda central de reconexão da sociedade, não somente com a natureza, mas também da humanidade consigo mesma.

## APÊNDICE A

Ref.	Ano	Escola de samba	Samba de enredo	Compositores (as)
D65 6	197 3	G.R.E.S. Império Serrano	Viagem encantada Pindorama adentro	Wilson Diabo, Malaquias e Carlinhos
D61 7	197 4	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	Brasil ano 2000	Walter de Oliveira e João Rosa
D70 6	197 5	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	O segredo das minas do Rei Salomão	Nininha Rossi, Dauro Ribeiro, Zé Pinto e Mário Pedra
D69 5	197 6	G.R.E.S. Portela	O homem do Pacoval	Noca, Colombo e Edir Gomes
D71 6	197 6	G.R.E.S. Tupy de Brás de Pina	Riquezas áureas de nossa bandeira	Caciça
D64 6	197 7	G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinens e	Viagens fantásticas às terras de Ibirapitanga	Wálter da Imperatriz, Carlinhos Madrugada e Nélson Lima
D71 9	197 7	G.R.E.S. União da Ilha do Governador	Domingo	Aurinho da Ilha, Ione do Nascimento, Ademar

				Vinhaes, Waldir da Vala
D62 2	197 9	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	O paraíso da loucura	Savinho, Luciano e Walter de Oliveira
D67 4	197 9	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	Avatar e a Selva transformou-se em ouro	Tolito, Ananias e Elmo José dos Santos (Rato do Tamborim)
D71 0	197 9	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	O reino encantado da mãe natureza contra o reino do mal	Bala, Cuíca e Luís Marinheiro
D66 2	198 0	G.R.E.S Império Serrano	Império das ilusões – Atlântica, eldorado, sonho e aventura	Durval Nery e Joaquim Aquiar
D67 5	198 0	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	Coisas nossas	Carlos Roberto, Ney da Mangueira e Aylton da Mangueira
D68 7	198 0	G.R.E.S. Mocidade Independent	Tropicália maravilha	Djalma Santos,

		e de Padre Miguel		Arsenio e Domenil
D66 3	198 1	G.R.E.S Império Serrano	Na terra do pau-brasil, nem tudo Caminha, viu	Jorge Lucas e Edson Paiva
D74 4	198 1	G.R.E.S Unidos de Vila Isabel	Dos jardins do Éden à era de Aquárius	Jonas, Lino Roberto e Tião Grande
D69 0	198 3	G.R.E.S. Mocidade Independent e de Padre Miguel	Como era verde o meu Xingu	Dico da Viola, Paulinho Mocidade, Tiãozinho da Mocidade e Adil
D21 0	198 8	G.R.E.S Império Serrano	Para com isso, dá cá o meu	Luis Carlos do Cavaco / Lula / Jarbas da Cuíca
D42 1	198 8	G.R.E.S. São Clemente	Quem avisa amigo é	Chocolate / Helinho 107 / Izaías De Paula
D09 4	198 9	G.R.E.S. Caprichosos de Pilares	O Que é bom todo mundo gosta	Wanderlei Novidade / Paulinho Rocha / Vanico do Beco / Walter Pardal // Jorge 101



D32 7	198 9	G.R.E.S. Portela	Achado não é roubado	Carlinhos Madureira / Mauro Silva / Neném
D48 8	198 9	G.R.E.S. Unidos da Ponte	Vida que te quero viva	Gerson PM / Jorginho Do Axé / Renato Camunguelo
D05 5	199 0	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	Todo mundo nasceu nu	Aparecida / Betinho / Bira / Jorginho
D11 8	199 0	G.R.E.S. Estácio de Sá	Langsdorff, delírio na Sapucaí	Adalto Magalha / Adilson Gavião / Jorge Magalhães / Maneco
D16 7	199 0	G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinens e	Terra Brasilis, o que se plantou deu	Baianinho / Jorginho Da Barreira / Preto Jóia / Toninho Petróleo / Zé Catimba
D53 7	199 0	S.E.R.E.S. Unidos do Cabuçu	Será que votei certo pra presidente?	Afoncinho, Carlinhos do Grajaú, João Anastácio,

				Walter da Ladeira
D12 9	199 1	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Antes, durante e depois, o despertar do homem	Andrade, Ventura e Léo
D23 3	199 1	Sociedade Recreativa Escola de Samba Lins Imperial	Chico Mendes, o arauto da natureza	João Banana / Jorge Paulo / Serjão / Tuca
D23 1	199 2	G.R.E.S. Leão de Nova Iguaçu	O Leão na selva de ilusões de Janete Clair	Carlinhos Pretinho / José Jorge / Tavinho Dafé
D05 9	199 4	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	Margareth Mee, a Dama das Bromélias	Almir Moreira / Arnaldo Matheus / J. Santos
D24 5	199 5	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	A Esmeralda do Atlântico	Rody, Verinha, Paulinho de Carvalho e Fernando Lima
D57 9	199 5	G.R.E.S. Unidos do Viradouro	O rei e os três espantos de Debret	José Antonio, Gonzaga, Olivério, Rico Medeiros, Wilsinho,

				Fabrino, Portugal, etc
D28 6	199 6	G.R.E.S. Mocidade Independent e de Padre Miguel	Criador e Criatura	Beto Corrêa / Dico da Viola / Jefinho Rodrigues / Joãozinho
D58 0	199 6	G.R.E.S. Unidos do Viradouro	Aquarela do Brasil ano 2000	Heraldo Faria, Jorge Baiano, Mocotó e Flavinho Machado
D13 4	199 7	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Madeira-Mamoré, a volta dos que não foram, lá no Guaporé	Grajaú / Jarbas Da Cuíca / Muralha / Sabará
D44 7	199 8	G.R.E.S. Tradição	Viagem fantástica ao pulmão do mundo	Taroba, Lima / Sandro Maneca / Jonas Camiseta / Marcos Glorioso / Arismar Ubaldo
D06 5	200 0	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	Um coração que pulsar forte: pátria de todos ou terra de ninguém?	Igor Leal e Amendoim

D21 9	200 1	G.R.E.S Império Serrano	O Rio corre para o mar	Arlindo Cruz / Maurício / Carlos Sena / Elmo Caetano
D39 6	200 1	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	Salgueiro No Mar de Xaráyês, é Pantanal, é carnaval	Augusto / José Carlos da Saara / Rocco Filho / Nêgo
D33 9	200 1	G.R.E.S. Portela	Querer é poder	Flávio Bororó / Paulo Apparício / Wagner Alves / Zeca Serenio
D34 0	200 2	G.R.E.S. Portela	Amazonas, esse desconhecido! Delírios e verdades do Eldorado Verde	David Correa / Grillo / Naldo
D42 7	200 2	G.R.E.S. São Clemente	Guapimirim, paraíso ecológico abençoado pelo dedo de Deus	Eugênio Leal / Fabinho / Paulo Renato / Rodrigo Índio
D14 0	200 3	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	O nosso Brasil que Vale	Mingau / Marco Moreno / Derê

D06 9	200 4	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	Manôa, Manaus - Amazônia- Terra Santa que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz	Cláudio Russo / Jessey Beija- flor / José Luis / Marquinho
D22 2	200 4	G.R.E.S Império Serrano	Aquarela Brasileira	Silas de Oliveira
D34 2	200 4	G.R.E.S. Portela	Lendas e Mistérios da Amazônia	Catoni / Jabolo / Waltenir
D14 2	200 5	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Alimentar o corpo e a alma faz bem!	Roberto Szaniecki
D22 3	200 5	G.R.E.S Império Serrano	O grito que ecoa no ar - homem/natureza, o perfeito equilíbrio.	Marcão / Marcelo Ramos / João Bosco
D25 5	200 5	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	Mangueira energiza a avenida. O carnaval é pura energia e a energia é nosso desafio	Amendoim / Junior Fionda / Lequinho
D34 3	200 5	G.R.E.S. Portela	Nós podemos: oito ideias para mudar o mundo!	Noca da Portela / Darcy Maravilha / J.

				Rocha / Noquinha
D51 1	200 5	G.R.E.S. Unidos da Tijuca	Entrou por um lado, saiu pelo outro... quem quiser que invente outro!	Jorge Remédio / Sergio Alan / Valtinho Jr
D07 1	200 6	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	Poços de Caldas derrama sobre a terra suas águas milagrosas: do caos inicial à explosão da vida, a Nave Mãe da existência	Alexandre Moraes / Noel Costa / Silvio Romai / Wilsinho Paz
D14 3	200 6	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Amazonas, o Eldorado é aqui	Professor Elísio / Mariano Araújo / Márcio Das Camisas / Gilbertinho
D25 6	200 6	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	Das Águas do Velho Chico, nasce um Rio de Esperança	Cosminho / Gilson Bernini / Henrique Gomes
D59 0	200 6	G.R.E.S. Unidos do Viradouro	Arquitetando folias	Waldeir Melodia, Dadinho, Evaldo,

				Tamiro e Peralta
D29 7	200 7	G.R.E.S. Mocidade Independent e de Padre Miguel	O Futuro no pretérito – uma história feita à mão	Marquinho Marino / Rafael Só / Tôco
D14 5	200 8	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Do Verde de Coarí, vem meu gás, Sapucaí!	Arlindo Cruz / Carlos Sena / Edu Da Penha / Emerson Dias / Mingau / Murição
D34 6	200 8	G.R.E.S. Portela	Reconstruindo a natureza, recriando a vida: o sonho vira realidade	Ari do Cavaco / Celsinho De Andrade / Ciratinho / Diogo Nogueira / Jr Escafura
D34 7	200 9	G.R.E.S. Portela	E por falar em amor, onde anda você?	Ciratinho / Diogo Nogueira / Junior Escafura / L.C. Máximo / Wanderley Monteiro

D59 3	200 9	G.R.E.S. Unidos do Viradouro	Vira-Bahia, pura energia	Heraldo Faria, Flavinho Machado, Edu, Rafael e Floriano
D30 0	201 0	G.R.E.S. Mocidade Independent e de Padre Miguel	Do paraíso de Deus ao paraíso da loucura, cada um sabe o que procura	Hugo Reis / J. Giovanni / Zé Gloria
D14 8	201 1	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Y-Jurerê Mirim – A Encantadora Ilha das Bruxas (Um Conto de Cascaes)	Edispuma / Foca / Licinho Jr. Marcelinho Santos
D43 0	201 1	G.R.E.S. São Clemente	O meu, o seu, o nosso Rio, abençoado por Deus e Bonito por Natureza!	Armandinho Do Cavaco / Cláudio Filé / Fábio Portugal / Flavinho Segal / FM / Grey /Helinho 107 / J.J. Santos / Nelson Amatuzzi / Ricardo Goes / Rodrigo Maia / Ronaldo



				Soares / Serginho Machado / Xandão
D26 3	201 3	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	Cuiabá: um paraíso no centro da América	Igor Leal / Junior Fionda / Lequinho / Paulinho Carvalho
D40 9	201 4	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	Gaia, a vida em nossas mãos	Betinho De Pilares / Dudu Botelho / Jassa / Miudinho / Rodrigo Raposo / Xande de Pilares
D56 4	201 4	G.R.E.S Unidos de Vila Isabel	Retratos de um Brasil plural	André Diniz / Arlindo Cruz / Artur Das Ferragens / Evandro Bocão / Professor Wladimir

D35 3	201 5	G.R.E.S. Portela	ImaginaRio, 450 Janeiros de uma cidade surreal	Celso Lopes / Charlles André / Noca da Portela / Vinicius Ferreira / Xandy Azevedo
D52 2	201 6	G.R.E.S. Unidos da Tijuca	Semeando Sorriso, A Tijuca Festeja o Solo Sagrado	Zé Paulo Sierra / Paulo Oliveira / Gusttavo Clarão / Dudu Nobre / Claudio Mattos
D19 4	201 7	G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinens e	Xingu, o clamor que vem da floresta	Adriano Ganso / Aldir Senna / Jorge Do Finge / Moisés Santiago
D31 5	201 7	G.R.E.S Paraíso do Tuiuti	Carnavaleidoscópio Tropifágico	Alexandre Cabeça / Carlinhos Chirrinha / Fernandão / Luis Caxias / Rafael Bernini / Wellington Onire

D35 8	202 0	G.R.E.S. Portela	Guajupirá, Terra sem Males	Zé Miranda / Valtinho Botafogo / Rogério Lobo / Pece Ribeiro / José Carlos / Beto Aquino /Araguaci / D'Sousa
D57 0	202 0	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	Gigante pela própria natureza: Jaçanã e um índio chamado Brasil	Claudio Russo, Chico Alves e Julio Alves
D31 1	202 2	G.R.E.S. Mocidade Independent e de Padre Miguel	Batuque ao Caçador	Cabeça Do Ajax / Carlinhos Brown / Diego Nicolau / Gigi Da Estiva / J.J. Santos / Nattan Lopes/ Orlando Ambrosio / Richard Valença
D41 8	202 4	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	Hutukara	Dema Chagas / Gladiador / Joana Rocha

				/ Leonardo Gallo / Pedrinho Da Flor / Renato Galante/ Zeca Do Cavaco
D57 3	202 4	G.R.E.S Unidos de Vila Isabel	Gbalá: viagem ao templo da criação	Martinho da Vila
D61 3	202 5	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	Pororocas Parawaras: As Águas dos Meus Encantos nas Contas dos Curimbós	Mestre Damasceno / Ailson Picanço / Davison Jaime / Tay Coelho / Marcelo Moraes
D60 1	202 5	G.R.E.S. Unidos do Viradouro	Malunguinho: o mensageiro de Três Mundos	Paulo César Feital / Inácio Rios / Márcio André Filho / Vitor Lajas / Chanel / Vaguinho / Igor Federal

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASE DAN FE ERÒ. **Dicionário Yoruba**. Disponível em: [https://www.axedanfeero.com.br/cand\\_omblé/língua-yorubá/dicionário-yoruba](https://www.axedanfeero.com.br/cand_omblé/língua-yorubá/dicionário-yoruba). Acesso em: 05 jun. 2025

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016. 280 p.

BRASIL. **Lei n.º 12.651**, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Decreto n.º 6.040**, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2007.

BRASIL. **Decreto n.º 5.758**, de 13 de abril de 2006. Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas.

BRASIL. **Decreto n.º 4.339**, de 22 de agosto de 2002. Política Nacional de Biodiversidade (PNB).

BRASIL. **Lei n.º 9.985**, de 18 de julho de 2000. Brasília. Diário Oficial da União. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC.

BRASIL. **Lei no. 8.490**, de 19 de novembro de 1992. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios e dá outras providências.

BRASIL. **Lei n.º 6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente - PNMA, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.

COMISSÃO MUNDIAL DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

DESCOLA, Philippe; GUERREIRO, António (entrevistador). “Nós, modernos, somos os únicos a pensar a diferença entre natureza e cultura.” Entrevista publicada em **Electra**, Edição 23 (Inverno 2023/24), Fundação EDP, Lisboa, 2023. Disponível em: <https://electramagazine.fundacaoedp.pt/editions/edicao-23/philippe-descola-nos-modernos-somos-os-unicos-pensar-diferenca-entre-natureza-e>. Acesso em: 05 jun. 2025.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O Mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed., São Paulo: NUPAUB, HUCITEC, 2008.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.

FERNANDES, Alexandre; SOARES, Emanuel; REIS, Maurício. Ensinar e aprender filosofias negras: entrevista a

- Renato Nogueira. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**, ISSN: 2525-4715, Ilhéus, v. 3, n. 6, p. 7-18, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4334>. Acesso em: 05 jun. 2025.
- FRAGELLI, Claudia; LIMA, Marcelo Augusto Gurgel de; FERREIRA, Graciella Faico; OLIVEIRA, Elizabeth; SOUZA, Nadson Nei. Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e Turismo: inspirações para a cocriação de projetos de educação para o empreendedorismo na Década da Ação. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 15, n. 3, p. 123-160, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/raoit.v15n3.7176>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- FRIESE, Susanne. **Qualitative Data Analysis with ATLAS.ti**. 2nd ed. London: SAGE Publications Ltd, 2014.
- FUTATA, Flavia. **Manifestações da cultura afrodiaspórica: um diálogo entre o tempo e os processos de transmissão de saberes**. Políticas Culturais em Revista. 14. 184-196. 10.9771/pcr.v14i2.44210. 2021.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, ISSN 2359-4705, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.
- IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio Elizabeth; LIMA, Marcelo Augusto Gurgel de. A Agenda da Biodiversidade em risco? Decodificando tendências de políticas públicas de proteção da natureza no Brasil. In: Editores: GOMIDE, Alexandre de Ávila; SILVA, Michelle Moraes de Sá e; LEOPOLDI, Maria Antonieta (Eds). **Desmonte e reconfiguração de políticas públicas (2016-2022)**. Brasília: IPEA; INCT/PPED, 2023. p. 185-214.
- KOPENAWA, Davi. Prefácio. In: ALBERT, Bruce; MILLIKEN, William; com a colaboração de Gale Goodwin Gomez. **Urihi A: A Terra-Floresta Yanomami**. São Paulo: Instituto Socioambiental; Paris, Fr: IRD - Institut de Recherche pour le Développement, 2009.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- LAGO, André Aranha Correa do. **Estocolmo, Rio, Johannesburgo: O Brasil e as três conferências ambientais das Nações Unidas**. Fundação Alexandre Gusmão, 2006. 274 p.
- LENOBLE, Robert. **História da Ideia de Natureza**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 2002.

**Dicionário da história social do samba.** Coleção Temas Atuais, São Paulo: Editora José Olympio, 2015. Contexto, 2005.

MEDEIROS, Rodrigo. Desafios à gestão sustentável da biodiversidade no Brasil. **Floresta e Ambiente**, v.13, n. 2, p. 01–10, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/loram/a/F9H7Yn5qKJky3ZsPV8rJFkL/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SCARANO, Fábio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Ed. Dantes, 2019.

SCBD. Secretariado da Convenção sobre Diversidade Biológica. **Acordo Global de Biodiversidade Kunming-Montreal**. Montreal. 2022.

NOBRE, Marcos; AMAZONAS, Maurício de Carvalho. **Desenvolvimento sustentável: a institucionalização de um conceito**. Brasília: Ibama, 2002.

SHIVA, Vandana. “A saúde do planeta e a nossa são a mesma”. **IHU – Instituto Humanitas Unisinos**, 21 mai. 2021. Disponível em:

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista Africa e africanidades**. Ano 3, n. 11, p 1-16, 2010. Disponível em: [https://africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010\\_02.pdf](https://africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf). Acesso em: 3 jun. 2025.

ihu/78-noticias/609449-vandana-shiva-a-saude-do-planeta-e-a-nossa-sao-a-mesma . Acesso em: 05 jun. 2025.

UN, UNITED NATIONS. **Transforming our world: the 2030 Agenda for sustainable development**. Paris: UN, 2015a. [A/ RES/70/1. 2015a.]. Disponível em:

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>

<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/21252030%20Agenda%20for%20Sustainable%20Development%20web.pdf> . Acesso em: 02 jun 2025.

Acesso em: 3 jun 2025.

\_\_\_\_\_. Paris Agreement. **Conference of the parties twenty-first session**. Paris:

\_\_\_\_\_. Organização das Nações Unidas. **Carta das Nações**. 1945. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/11/A-Carta-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas.pdf> Acesso em: 3 jun 2025.

UN, 12 dez. 2015b. Disponível em: [https://unfccc.int/files/meetings/paris\\_nov\\_2015/application/pdf/paris\\_agreement\\_english.pdf](https://unfccc.int/files/meetings/paris_nov_2015/application/pdf/paris_agreement_english.pdf). Acesso em: 02 jun. 2025.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**.

## Notas

---

<sup>i</sup> Ver <https://liesa.org.br/>

<sup>ii</sup> Ver

<https://www.galeriadosamba.com.br/>

<sup>iii</sup> Ver <https://www.letras.mus.br/>

<sup>iv</sup> Não houve desfile em 2021 em virtude da pandemia de Covid-19.